

# **PROTAGONISMO E ESTEREÓTIPOS FEMININOS: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM HARRY POTTER, DE J.K. ROWLING<sup>1</sup>**

**João Alex Soares Mendes<sup>2</sup>**

**Iêdo de Oliveira Paes<sup>3</sup>**

– Potter – disse em tom retumbante –, eu o ajudarei a se tornar auror<sup>4</sup> nem que seja a última coisa que eu faça na vida! Nem que eu tenha de lhe dar aulas todas as noites, garantirei que você obtenha as notas exigidas!  
(ROWLING, 2001, p. 540)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar como o estereótipo recai sobre a construção do protagonismo feminino dentro da saga literária Harry Potter, de J.K. Rowling, além de questionar como a manutenção desses estereótipos persiste na sociedade. É preciso destacar também como a autora, sendo uma escritora feminina e feminista, não foi poupada desse comportamento e construiu um universo em que suas personagens femininas, baseadas em certos arquétipos, reproduzem estereótipos. Por fim, pretende-se reforçar a abertura de portas dentro e fora da academia, para discutir não só a literatura infantil e juvenil, mas também o gênero fantasia, mostrando que se pode trabalhar e denunciar, por meio desses textos, questões verossimilhantes/presentes no âmbito social.

**Palavras-Chave:** Sociedade, Estereótipo, Protagonismo Feminino, Harry Potter.

## **PROTAGONISMO FEMENINO Y ESTEREOTIPOS: LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER EN HARRY POTTER, DE J.K. ROWLING**

**RESUMEN:** El presente trabajo tiene como objetivo comprender y analizar cómo incide el estereotipo en la construcción del protagonismo femenino dentro de la saga literaria Harry Potter, de J.K. Rowling, además de cuestionar cómo persiste el mantenimiento de estos estereotipos en la sociedad. También es necesario resaltar cómo la autora, siendo una escritora

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes, no primeiro semestre de 2021.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. joaoallexsm@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

<sup>4</sup> Auror é um membro de uma unidade de elite de agentes especializados. São treinados para investigar crimes relacionados com as Artes das Trevas, apreender ou reter bruxos e bruxas das trevas.

y feminista, no se libró de este comportamiento y construyó un universo en el que sus personajes femeninos, a partir de ciertos arquetipos, reproducen estereotipos. Finalmente, se pretende reforzar la apertura de puertas dentro y fuera de la academia, para discutir no solo la literatura infantil y juvenil, sino también el género fantástico, mostrando que es posible trabajar y denunciar, a través de estos textos, cuestiones verosímiles/actuales en el ámbito social.

**Palabras clave:** Sociedad. Estereotipo. Protagonismo femenino. Harry Potter.

## 1. INTRODUÇÃO

A série de livros Harry Potter, escrita pela autora britânica J.K. Rowling, teve seu primeiro volume, *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, lançado em 1997. Os lançamentos dos seis títulos conseguintes se estenderam até 2007. A série é considerada pelos críticos como uma bela contribuição ao gênero fantasia e à literatura destinada ao público infantil e juvenil, ainda que adultos também componham a base leitora.

O sucesso da série não se restringiu somente ao fenômeno literário, denominado Pottermania, estendendo-se também ao lançamento das oito adaptações cinematográficas. Além disso, ganhou espaço nos palcos, tornando-se peça de teatro com o pretense oitavo livro Harry Potter e a Criança Amaldiçoada, assim como o lançamento de uma série prólogo denominada Animais Fantásticos, a qual conta uma história que antecede o nascimento do Harry Potter. Até 2018, o número total de livros da série vendidos superava a marca de 500 milhões de cópias, sendo 150 milhões a mais que Harry Potter e a Pedra Filosofal, o maior número de vendas entre todos eles. Os livros da saga foram traduzidos em 78 idiomas e são vendidos atualmente em 200 países.

A escolha do *corpus* foi estritamente pessoal, pois houve uma inserção na literatura por meio da obra. A escolha ficou ainda mais acertada quando se ingressou no curso de licenciatura em letras e foi possível perceber o quanto a obra é rechaçada pelos profissionais da área, que não consideram a série como literatura. Desse modo, ao identificar que muitos trilharam um caminho parecido, ou seja, passaram a ler livros através das aventuras de Harry e seus amigos, resolveu-se unir a identificação pela série com a memória afetiva que permanece para a produção deste trabalho. Logo, não fazer essa escolha seria continuar insistindo no erro de desvalorizar algo que culturalmente já é desvalorizado, como bem afirma Almeida (2013) a respeito do saber sobre literatura.

Se existe um conhecimento cuja valorização na cultura brasileira é quase nula, este é o conhecimento literário. Mesmo no curso de Letras, onde idealmente se espera encontrar os mais ávidos leitores da sociedade, a Literatura tem perdido espaço e se tornado, para muitos graduandos, um obstáculo à formatura. (ALMEIDA, 2013, p. 2)

Assim, deixar a obra à margem, sem abrir possibilidades para discussão do que ela abarca dentro da academia, é virar as costas para a formação leitora de diversos estudantes universitários que cresceram junto com os personagens e acompanharam o sucesso que este fenômeno literário representa.

Para isso, serão utilizadas as publicações referidas à 1ª edição, pertencentes ao Box da Edição Premium que foi publicado pela Editora Rocco no dia 20 de junho de 2017, cuja tradução foi feita pela Lia Wyler. Com isso, delimitou-se o *corpus* deste trabalho nos sete livros da série oficial, buscando algo importante ou relevante no suposto oitavo livro, Harry Potter e a Criança Amaldiçoada, roteiro de uma peça de teatro que conta a história de Alvo Severo, filho de Harry, passados 19 anos após a batalha final do sétimo livro e que não foi escrito por J.K. Rowling, ainda que esta tenha aceitado o roteiro como parte no cânone de sua obra. Também se recorre ao roteiro de Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald, segundo título da franquia de cinco filmes.

Sobre a escolha da personagem para análise, apesar das diversas possibilidades, como Dolores Umbridge, Belatriz Lestrage, Ninfadora Tonks, Pomona Sprout, Molly Weasley, Ginevra Weasley, Narcisa Malfoy e tantas outras muito bem construídas pela autora, com suas respectivas características e arcos muito bem definidos, algumas delas que transitam entre o protagonista da série, em vieses dicotômicos, aliadas a Dumbledore<sup>5</sup> ou ao temível Lorde Voldemort<sup>6</sup>, decidiu-se se debruçar em Hermione Granger, Luna Lovegood, Sibila Trelawney e mais atentamente em Minerva McGonagall. Ela é classificada pela própria autora como a professora mais poderosa de Hogwarts, depois de Alvo Dumbledore, por ser a representação adulta da mulher bruxa cujo papel vai ganhando um protagonismo mais proeminente ao longo da trama. A personagem é um elemento presente na vida diária dos alunos e, ainda que a escola sirva de fio condutor narrativo em vários momentos, os professores, no geral, têm suas vidas pouco aprofundadas, na maioria dos casos sequer mencionadas.

Conhecida por sucessivas gerações de alunos como "Professora McGonagall", Minerva – sempre com algo de feminista – anunciou que ela manteria seu próprio nome após o casamento. Tradicionalistas torceram os narizes – por quê Minerva

---

<sup>5</sup> Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore, Ordem de Merlin, Primeira Classe, Grande Feiticeiro, (21 de agosto de 1881 – 30 de junho de 1997) foi um professor de Transfiguração e depois diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, era considerado o bruxo mais poderoso de seu tempo.

<sup>6</sup> Tom Servolo Riddle (31 de dezembro de 1926 – 2 de maio de 1998), mais tarde conhecido como Lord Voldemort, foi um bruxo mestiço considerado o mais poderoso bruxo das trevas de todos os tempos.

recusava-se a aceitar um nome de puro-sangue<sup>7</sup>, e mantinha o de seu pai trouxa<sup>8</sup>? (ROWLING, 2016, p. 17).

O referencial teórico da presente pesquisa foi estruturado em quatro tópicos, a saber: um breve olhar sobre a tipologia das personagens, recuperando Foster, Coelho e Cândido; uma breve introdução sobre o conceito de protagonismo e porque isso é de vital importância na existência das personagens femininas. Além disso, cabe abordar um pouco da biografia da autora J.K. Rowling, seus caminhos e percalços, culminando, assim, na análise de algumas personagens, apresentadas, por vezes, em vieses dicotômicos pela autora, colocando-as como uma como sendo a antítese da outra, mas construídas de maneiras igualmente estereotipadas.

## **2. A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS**

A construção de uma narrativa requer uma série de elementos, como: enredo, espaço, tempo e personagens. Em regra, a personagem é a transfiguração de uma realidade humana existente no plano comum da vida ou em um plano imaginário, transposta para o plano da realidade estética ou realidade literária; é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se fixa o interesse do leitor (COELHO, 2000, p. 74). Assim, dentre os tipos básicos de personagens, E. M. Forster (1927; 1971) indica a existência das personagens redondas, que representam comportamentos ou padrões morais e são recorrentes nas narrativas; e das personagens planas, de construção simples e facilmente reconhecíveis pelo leitor, tendo em vista que correspondem a uma função ou estado social. São personagens estereotipadas, que não mudam em suas ações ou reações e aparecem nos contos maravilhosos.

Sob esse panorama, observando a construção das personagens, especificamente as femininas, tem-se em Harry Potter uma mescla desses dois tipos de personagens, bem como a relação à sua existência, já que muitas delas dialogam com as funções, pessoas e personalidades existentes na realidade. Nesse sentido, Antônio Cândido, ao tratar da importância das personagens no enredo, destaca que

O enredo existe através das personagens, sendo estas o que há de mais vivo no romance. As personagens podem ser baseadas em resquícios da personalidade do autor, pessoas reais, figuras históricas, outras personagens, etc. (CÂNDIDO, 2005, p. 24).

---

<sup>7</sup> Puro-sangue é um termo usado por bruxos e bruxas para definir quem é puro, ou quase puro em sua linhagem. Isso significa que eles não têm Trouxas em suas famílias.

<sup>8</sup> Os não-mágicos, conhecidos como trouxas na Grã-Bretanha e no-majs (não-majs) nos Estados Unidos, são seres humanos naturalmente incapazes de fazer magia.

Acredita-se, assim, que, na vasta lista de nomes, as escolhas mais acertadas para uma breve análise seriam Hermione Granger, Luna Lovegood, Sibila Trelawney e uma visão mais aprofundada a respeito de Minerva McGonagall, por se tratar também de uma docente da escola que, em suas aparições, disputa o protagonismo com Alvo Dumbledore, diretor da escola, e com o próprio Harry Potter. Certos pontos nesse protagonismo, principalmente em relação ao Harry, são devido a sua posição de docente da instituição, que lhe confere uma autoridade automática, mas Minerva é uma figura emblemática que está fixa no imaginário dos leitores por ser a pessoa que recepciona os alunos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, sendo esse o primeiro contato com o ambiente escolar e o passaporte para o mundo mágico dentro desse lugar.

### **3. A PERSPECTIVA DE PROTAGONISMO E SUA INFLUÊNCIA**

Acerca do protagonismo feminino, atualmente o tema vem sendo amplamente discutido na esfera corporativa quando se trata da inserção e da ocupação de cargos de poder por mulheres em grandes e pequenas empresas. Todavia, o protagonismo feminino vai muito além dessa esfera social, passando inclusive pelo ambiente familiar, refletindo a posição da mulher diante de uma sociedade patriarcal e machista, e pela sua construção como indivíduo nesse meio. Em outras palavras, significa a conquista do poder de participação social às mulheres, garantindo que lutem pelos seus direitos, com a total igualdade entre os gêneros. Sob esse contexto, define-se “protagonismo” como:

1. Qualidade da pessoa que se destaca em qualquer situação, acontecimento, exercendo o papel mais importante dentre os demais; 2. Característica do personagem principal, mais importante: protagonismo literário, artístico, televisivo, cinematográfico. (PROTAGONISMO, 2021)

Assim, para fins deste trabalho, entende-se o protagonismo como o processo de protagonizar, ou seja, a habilidade de estar em evidência em sua própria história, de ser o responsável pelas suas atitudes e ações. Desse modo, cabe ao protagonista ser a principal personagem ou figura de uma determinada demonstração ou apresentação. Por outro lado, no que se refere ao protagonismo feminino, a ampla discussão e disseminação do conceito é uma conquista do movimento feminista, o qual é situado como expressão do protagonismo social

das mulheres, sinalizando as conquistas legais que advêm desse protagonismo, indo contra à sociedade e seus padrões.

Ambientada na década de 90, a narrativa é contada pelo ponto de vista do Harry e sua inserção em um mundo mágico do qual ele foi expatriado ainda quando bebê. O protagonista passou então a viver no mundo trouxa, isto é, com pessoas que desconhecem o uso da magia, vivendo sob o teto de seus tios até completar a idade de ingressar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, aos 11 anos. A vida do garoto até então não possuía aspectos mágicos. Enquanto vivia com os tios e o primo, que não o compreendiam como parte da família e repugnavam o universo mágico, o quarto de Harry era, na verdade, um armário sob a escada e ele nunca havia comemorado um aniversário sequer em onze anos. Até que, um dia, Harry passou a receber cartas misteriosas, entregues por corujas, nas quais havia um convite para estudar em Hogwarts.

Sob regime de internato, a escola hospedava todos os seus alunos durante o ano letivo, entretanto, durante as férias, Harry precisava voltar para a casa dos seus tios ou, em alguns casos, para a casa dos Weasley, família do seu melhor amigo, Rony. Em Hogwarts, ele encontrou não só amigos, esportes praticados em vassouras voadoras e magia a cada canto, como também seu destino: ser um aprendiz de feiticeiro até o dia em que enfrentaria o bruxo que assassinou seus pais e ameaçava a paz do mundo bruxo. No entanto, para que isso fosse possível, Harry precisou passar por uma série de desafios e enfrentar inúmeros perigos. Em sete livros, que se tornaram o maior fenômeno editorial de todos os tempos, Harry Potter não foi exposto apenas às batalhas e feitiços, ele precisou superar traições, surpresas e, sobretudo, aprender a lidar com os próprios sentimentos.

Diante do que foi exposto até o presente ponto, é necessário reafirmar que embora Harry Potter seja o personagem principal da obra, tenha o seu nome nos títulos da série de livros e possua características de protagonista e herói, todo esse protagonismo lhe foi dado a partir do momento em que a autora, sendo esta uma mulher, concedeu-lhe esse papel. Em contrapartida, é impossível não reconhecer que durante o processo narrativo, as personagens femininas da saga também conquistam esse lugar para si.

### **3.1 DE ONDE SURGE A OBRA E PARA O QUE ELA APONTA**

Em convergência com o que foi discutido anteriormente e é apresentado na sociedade atual, na literatura e nos cinemas, existe uma tendência histórica de reforçar o estereótipo de personagens femininas como seres de poucas facetas, com histórias de subordinação aos protagonistas homens ou reprodutoras de estereótipos como a mulher sedutora e perigosa, a

mulher megera, a mulher anjo e indefesa (ZOLIN, 2009a). Esse é o horizonte no qual muitas das produções cinematográficas caminham e reproduzem estereótipos, homogeneizando culturas e desrespeitando as diferenças entre os indivíduos, principalmente no que diz respeito à apresentação feminina em suas produções. Dentre os exemplos clássicos desse comportamento estrutural que são denunciados pelo movimento feminista, está a ação da mulher estereotipada de tomar para si o protagonismo e “precisar” utilizar de sua sexualidade como arma para essa conquista. Salienta-se que a marcação do verbo “precisar” se dá pois, de fato, ela não precisa utilizar desse subterfúgio, mas lhe é apresentado como o único caminho possível. Semelhante a esse molde, essa mesma indústria reproduz ainda a mulher como troféu do herói no final da narrativa e a mulher que motiva o protagonista homem por uma situação de morte ou sequestro, sendo responsável por propulsionar o protagonista a agir. Em outros títulos, a figura feminina pode vir a representar uma mulher jovem que ensina o herói a viver a vida intensamente (*Manic Pixie Dream Girl*<sup>9</sup>), acompanhada de mulheres cujas vidas se transformam com um bom trato no visual e entre outros estereótipos que são receitas previsíveis e comumente reproduzidas pela indústria disseminadora de padrões tóxicos sobre “obrigações” das mulheres quanto ao corpo, às vestimentas e ao comportamento.

Não se está falando da não existência de obras cinematográficas e literárias que quebrem esse paradigma, mas sim de que, diante das poucas que se fazem presentes, em sua maioria, são adaptações das obras literárias de autoria feminina ou de outras poucas mulheres que no meio cinematográfico executam papéis de produção e direção. A exemplo disso, resgata-se a fala de Cathy Yan, cineasta, roteirista e produtora americana nascida na China, que juntamente com Patty Jenkins, estão à frente de filmes com grandes bilheterias e adesão do público. Em entrevista à revista *Variety*, em 2020, Yan comentou:

É incrivelmente incrível. Espero que façamos o que todos esperamos, o que prova que as diretoras podem fazer filmes em grande escala. Lembro-me de quando me disseram: “Na verdade, procurávamos diretoras, mas não há muitas que queiram fazer filmes de ação”. Lembro-me de pensar: “Quero! Eu amo filmes de ação”. **As mulheres são capazes disso.** (YAN, 2020, *Variety*, grifo nosso)

Todo esse esforço é importante para imprimir uma nova ótica na representação de personagens femininas que são construídas sob o olhar feminino, longe de sexismo, estereótipo e padrões normativos. Seguindo essa linha de raciocínio, é de extrema importância que as mulheres ampliem e tomem por direito seus campos de participação e atuação, impondo uma

---

<sup>9</sup> O termo foi utilizado em 2007 pelo americano Nathan Rabin, um crítico de cinema e música americano, em seu texto “The Bataan Death March of Whimsy Case File #1: Elizabethtown”.

reformulação da estética e do modelo vigente. Sob o viés literário, Constância Lima Duarte destaca que:

Mas ainda há muito o que fazer. Várias são as dúvidas que poderíamos levantar com relação ao tema Mulher na Literatura ou Mulher e Crítica Literária, e poucas encontrariam respostas nos trabalhos existentes. Por exemplo: quais foram nossas primeiras escritoras? Que livros escreveram e sobre o quê? Não sofreram nenhuma espécie de dificuldade devido a sua condição feminina? E a representação da mulher enquanto personagem, sobre que estereótipos foi montada? Por quê? (DUARTE, 1990, p. 2)

Nesse contexto, a literatura de autoria feminina tem sido de fundamental importância para revelar esse indivíduo feminino adormecido sob uma redoma de silenciamento e inferioridade, tanto na literatura quanto no contexto social. Assim, a literatura torna-se um componente poderoso e questionador de normas reproduzidas. Esse processo que avança apressadamente e de forma necessária, desmonta uma estrutura patriarcal e machista dentro dessas indústrias, tomando para si o papel de denúncia e permitindo uma participação efetiva das mulheres na desconstrução de preconceitos de gênero junto aos leitores. Nesse mesmo sentido, Argüelo (2014) explica que:

A literatura tem sido um importante artefato cultural na fabricação das identidades de gênero. [...] Todo um sistema de valores e todo um regime de leis que governam os comportamentos de gênero são observados em diversas obras literárias, e muitos são os exemplos encontrados por estudiosas feministas sobre como a literatura representa de modo diferente e desigual homens e mulheres. (ARGÜELO, 2014, p. 100)

A autora ainda afirma que a literatura é um veículo de linguagem em que se realizam exercícios de poder ao atribuir sentido e significado. Com isso, ela contribui para a fabricação de identidades, posicionando os sujeitos em diferentes e desiguais lugares sociais. Dessa forma, é importante destacar o quanto a literatura infantil e juvenil exerce uma função produtiva nas representações de identidades culturais que circulam entre crianças e jovens. (ARGÜELO, 2014, p. 110)

Em congruência a tudo isso, J.K. Rowling não poupou esforços para desenvolver suas personagens e tentar fugir dessa reprodução massiva e normalizada, pois, além desenvolver um universo fantástico e repleto de magia, no qual um garoto bruxo é o protagonista principal, também desenvolveu as histórias das mulheres que Harry conheceu ao longo de sua jornada. Essas incríveis personagens femininas ajudaram a moldar o universo da série, apesar de seus nomes não aparecerem em destaque nas capas dos livros.

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso ocorre devido à unidade e à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podemos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo (CANDIDO, 2014, p. 8).

Por outro lado, é importante salientar que o narrador escolhido descreve tudo a partir do ponto de vista de Harry Potter, ou seja, o leitor sabe o que a personagem sabe e vê o que ela vê, de modo que isso pode trazer um paradoxo sobre o propósito deste trabalho, o qual não será adentrado, pois não se trata do objetivo central, mas a autora-pessoa, J.K. Rowling, uma mulher, criou um narrador em terceira pessoa que relata os acontecimentos da série a partir da ótica de um garoto. Ao fazer determinadas escolhas, é importante frisar que a autora, nos momentos em que empodera, projeta ou desqualifica as personagens femininas, se coloca em xeque como centro desse debate.

Desse modo, apesar dos momentos turbulentos na vida de J.K. Rowling, os quais se perpetuam até a atualidade, mas agora por outros motivos, a autora se tornou uma importante representação feminina internacional e ter tanta influência na atualidade traz uma enorme responsabilidade.

Nascida em 31 de julho de 1965, em Yate, Inglaterra, Joanne Rowling, atendendo aos apelos de seus pais, cursou Língua e Literatura Francesa na Universidade de Exeter e não o curso de língua inglesa que pretendia fazer. Após sua graduação, ela deu sequência à formação na capital francesa, onde permaneceu durante um ano. De volta à Inglaterra, começou a trabalhar na Anistia Internacional em Londres como secretária bilíngue e investigadora. Ansiando por concretizar seu sonho de escrever, deixou o cargo e foi para Portugal no ano de 1991, onde dava aulas de Inglês à tarde e à noite e pela manhã costumava escrever nas mesas dos cafés do Porto, permanecendo no país por cinco anos. Nesse ritmo, ela deu início a sua trajetória literária, mais especificamente à criação de sua saga. Ela preservou a rotina de escrever nos bares, no entanto, Harry Potter e a Pedra Filosofal, o primeiro dos sete livros, só foi concluído depois que ela se divorciou do marido, o português Jorge Arantes, e seguiu com sua primogênita para Edimburgo, na Escócia.

A história de Rowling foi perpassada por episódios de violência doméstica, agressão sexual, violência econômica, anos dependendo da assistência social da Grã-Bretanha, e, em

determinado momento, pela depressão. Elementos referentes a esses episódios podem ser encontrados na história, dentre os quais é possível citar, como um dos exemplos mais visíveis disso, os Dementadores<sup>10</sup>, oriundos de sua própria experiência com a depressão. Em diversas entrevistas, a autora relatou que tinha a sensação de que jamais seria possível sentir-se feliz novamente, sendo um sentimento diferente de tristeza.

(...) Assim, creio que é justo dizer que, por qualquer medida convencional, apenas sete anos depois da minha formatura, eu fracassei em escala épica. Um casamento excepcionalmente curto implodiu, fiquei desempregada, mãe solteira e tão pobre quanto é possível ser na Inglaterra moderna, sem ser uma sem-teto. Os temores que meus pais tiveram pela filha, e que tive por mim mesma, foram concretizados, e, para todos os efeitos, eu era o maior fracasso que conhecia. (ROWLING, 2017, p. 27)

No entanto, o caminho para que sua obra literária se tornasse mundialmente conhecida não foi fácil, como mostra sua breve biografia aqui apresentada. A dificuldade inicialmente encontrada foi o fato de ser mulher. Depois de ter sido recusada por várias editoras, a obra foi aceita pela editora Bloomsbury e publicada em 26 de junho de 1997. Seu agente literário, antes de sua primeira publicação, sugeriu que apenas duas iniciais fossem colocadas na capa do livro, ocultando a identidade feminina da escritora.

(...) Joanne Rowling agora era J. K. Rowling. Era uma estratégia de Christopher Little. Ele consultara as pessoas envolvidas na publicação de livros infantis, que lhe disseram que enquanto as meninas liam livros escritos por homens, os meninos não liam um livro escrito por uma mulher. Ele disse a Joanne que era preciso escolher algumas iniciais e depois colocar o sobrenome. (...) chegaram a J. K. Era sonoro e Joanne gostou da ideia de acrescentar o nome de sua avó Kathleen ao seu próprio. (SMITH, 2003, p. 105)

Esse fato, no final do século XX, denuncia não somente uma dominância masculina no campo literário, mas sublinha o estereótipo no qual as mulheres contemporâneas são submetidas, denotando o pensamento de que produzem uma literatura inferior a produzida pelos escritores do sexo masculino. Dessa forma, o feminismo e o crescente número de textos produzidos pelas autoras femininas permitem que mulheres ocupem esses espaços, desvencilhem-se de pseudônimos e produzam um legado literário. Não obstante, elas vêm lutando pela ocupação de outros espaços e campos de atuação, destruindo estereótipos e tornando-se donas de suas próprias histórias.

---

<sup>10</sup> Dementadores são considerados não-eres das trevas, e se alimentam de felicidade humana e, assim, causando desespero para qualquer um que esteja perto deles.

Nessa perspectiva, apesar de ter sofrido limitações de gênero no início de sua carreira, J.K. Rowling conseguiu ultrapassá-las e tornou-se o nome por trás de uma das sagas literárias mais bem-sucedidas de todos os tempos. Entre tantas histórias, características e estereótipos já mencionados na obra de Rowling, alguns nomes precisam ser destacados para exemplificação e aprofundamento, são eles: Hermione Granger, Luna Lovegood, Sibila Trelawney e Minerva McGonagall, duas alunas e duas professoras da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e que possuem posições bem definidas em suas histórias.

## **4. REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM HARRY POTTER: ANÁLISES DAS PERSONAGENS**

### **4.1 HERMIONE GRANGER**

**A maioria das pessoas não ligam para Hermione – achando que ela é muito inteligente e vai conseguir passar por qualquer coisa de alguma forma.  
(ROWLING, 1999, National Press Club)**

Hermione Granger, conhecida por ser a bruxa mais inteligente para a sua idade, compôs o trio de ouro com Harry e Rony no desenvolver da saga. Nascida em 19 de setembro de 1979, foi uma bruxa academicamente brilhante. Dada sua mente perspicaz, alguns alunos, como Terêncio Boot, se perguntaram por que Hermione foi selecionada para a Grifinória<sup>11</sup> em vez da Corvinal<sup>12</sup>. Ela admitiu que o Chapéu Seletor<sup>13</sup> considerou colocá-la na Corvinal. É provável que o puído e o malcuidado chapéu finalmente a tenha colocado na Grifinória depois de protelar por cerca de 4 minutos, porque Hermione escolheu estar lá, assim como Harry escolheu não estar na Sonserina<sup>14</sup>.

A sua apresentação na série se deu na viagem de trem que levava os alunos à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Isso ocorreu no primeiro livro da saga, Harry Potter e a Pedra Filosofal, no momento que Hermione estava ajudando Neville a procurar seu sapo de estimação

---

<sup>11</sup> A Grifinória, fundada por Godric Gryffindor, é conhecida pela coragem, pela honra, pela ousadia e pela determinação.

<sup>12</sup> A Corvinal, fundada por Rowena Ravenclaw, valoriza o aprendizado, a sabedoria, a inteligência e o intelecto de seus membros.

<sup>13</sup> O Chapéu Seletor é um artefato mágico e consciente de Hogwarts que determina para qual das quatro Casas cada novo aluno irá integrar-se.

<sup>14</sup> A Sonserina, fundada por Salazar Slytherin, tende a possuir líderes fortes, ambiciosos, astutos, determinados e inclinados para a autopreservação.

e entrou na cabine ocupada por Rony e Harry, que já haviam se conhecido mais cedo na plataforma de embarque.

Tinha acabado de erguer a varinha quando a porta da cabine abriu outra vez. O menino sem o sapo estava de volta, mas desta vez vinha uma garota em sua companhia. Ela já estava usando as vestes novas de Hogwarts.

– Alguém viu um sapo? Neville perdeu o dele. – Tinha um tom de voz mandão, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes.

– Já dissemos a ele que não vimos o sapo – respondeu Rony, mas a menina não estava escutando, olhava para a varinha na mão dele.

– Você está fazendo mágicas? Quero ver.

Sentou-se. Rony pareceu desconcertado.

– Hum... está bem.

Pigarreou.

– Sol, margaridas, amarelo maduro, muda para amarelo esse rato velho e burro.

Ele agitou a varinha, mas nada aconteceu. Perebas continuou cinzento e completamente adormecido.

– Você tem certeza de que esse feitiço está certo? – perguntou a menina. – Bem, não é muito bom, né? Experimentei uns feitiços simples só para praticar e deram certo. Ninguém na minha família é bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria que existe, me disseram. Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são?

Ela disse tudo isso muito depressa.

Harry olhou para Rony e sentiu um grande alívio ao ver, por sua cara espantada, que ele não aprendera todos os livros de cor tampouco.

– Sou Rony Weasley.

– Harry Potter.

– Verdade? Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está na História da magia moderna e em Ascensão e queda das artes das trevas e em Grandes acontecimentos mágicos do século XX.

– Estou? – admirou-se Harry sentindo-se confuso.

– Nossa, você não sabia, eu teria procurado saber tudo que pudesse se fosse comigo – disse Hermione. – Já sabem em que casa vão ficar? Andei perguntando e espero ficar na Grifinória, me parece a melhor, ouvi dizer que o próprio Dumbledore foi de lá, mas imagino que a Corvinal não seja muito ruim... Em todo o caso, acho melhor irmos procurar o sapo de Neville. E é melhor vocês se trocarem, sabe, vamos chegar daqui a pouco. E foi-se embora, levando o menino sem sapo. (ROWLING, 2000, p. 80)

Hermione, como mencionado no trecho, veio de uma família de pais trouxas, sendo assim nascida trouxa. Nesse quesito, as pautas de gênero, raça e classe/grupo são amplamente discutidas na série, principalmente nas diversas vezes nas quais a personagem sofreu casos de preconceito por não vir de uma linhagem pura, sendo chamada de Sangue Ruim. Nesse debate, que versa muito sobre como a sociedade se comporta e foi construída, é que se aprende que existem bruxos “Sangue Puro”, oriundos de famílias exclusivamente mágicas e que abominam os de “Sangue Ruim”, bruxos de ascendência bruxa e trouxa. No caso de Hermione, isso foi ainda mais explícito, tendo em vista que nenhum dos seus pais possuía sangue mágico. Ela foi apresentada como uma garota com o tom de voz mandão, detestável e egocêntrica, além de

descrever sua aparência física – cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes, algo que foge do padrão de beleza convencional.

Essa introdução da personagem na obra diverge muito da forma como os papéis femininos são comumente apresentados, isto é, como indefesos ou maliciosos. Granger sempre foi a melhor discente de sua turma e, segundo alguns professores, a melhor aluna de toda a escola. Portanto, seu estereótipo sempre foi o de inteligente, o que todos, felizmente, endossaram durante toda a saga, o qual chega a ser positivo, talvez saudável, porém que não privou Hermione de algumas questões por ser mulher, por exemplo. Esse reconhecimento sempre a colocou em uma posição de destaque entre os demais alunos, uma posição um tanto desejável pelos demais, mas não veio sem maiores sofrimentos. Sim, ela era inteligente, mas era diferente das outras alunas da escola, ela não correspondia às normas da sociedade, muito menos aos padrões de estética. Nunca arrumava o cabelo, sempre vivia entre os livros, era frequentemente vista com garotos, no caso Harry e Rony, o que a colocava como “igual” a eles, entretanto, em consequência a isso, nunca foi lida como objeto de desejo.

O cenário teve uma reviravolta impressionante no quarto livro da saga, Harry Potter e o Cálice de Fogo, quando a personagem partiu para a quebra do estereótipo de “garota inteligente, porém, feia”. Em 1994, Hogwarts sediou o Torneio Tribruxo, um campeonato entre as três maiores escolas de magia da Europa: Academia de Magia Beauxbatons, Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e Instituto Durmstrang. Na noite na noite de Natal, foi realizado um Baile de Inverno e as delegações de Beauxbatons e Durmstrang juntaram-se a seus anfitriões de Hogwarts em uma festa, seguida de uma dança formal entre os campeões e seus convidados. Harry, sendo um destes, em determinado momento, acompanhado de Parvati Patil, encontrou Hermione acompanhada de Viktor Krum, campeão do Instituto Durmstrang:

[...] Cedrico e Cho ficaram ao lado de Harry; o garoto desviou o olhar para não precisar conversar com eles. Em lugar disso, seu olhar recaiu sobre a garota ao lado de Krum. Seu queixo caiu. Era Hermione. Mas ela não parecia nadinha com a Hermione. Fizera alguma coisa com os cabelos; não estavam mais lanudos, mas lisos e brilhantes e enrolados num elegante nó na nuca. Estava usando vestes feitas de um tecido etéreo azul-pervinca, e tinha uma postura um tanto diferente – ou talvez fosse meramente a ausência dos vinte e tantos livros que ela normalmente carregava às costas. E sorria – um sorriso um pouco nervoso, era verdade –, mas a redução no tamanho dos dentes da frente era mais visível que nunca. Harry não conseguia compreender como não a vira antes.

– Oi, Harry! – disse ela. – Oi, Parvati!

Parvati mirava Hermione com depreciativa incredulidade. E não era a única, tampouco; quando as portas do Salão Principal se abriram, o fã-club de Krum que fazia ponto na biblioteca passou, lançando a Hermione olhares de profundo desprezo. Pansy Parkinson boquiabriu-se ao passar com Malfoy, e mesmo ele não pareceu capaz de encontrar uma ofensa para atirar a Hermione. Rony, porém, passou direto por ela sem sequer olhar. (ROWLING, 2001, p. 304)

O que foi apresentado chama a atenção para o problema da criação de estereótipos de gênero em uma sociedade machista e como isso pode afetar mulheres com o passar das gerações. Hermione Granger foi, decididamente, uma garota não-convencional em sua forma física e em suas características emocionais, sem falar de seu atributo mais marcante e sempre mencionado em toda a obra: sua inteligência.

## 4.2 LUNA LOVEGOOD

**Ela é a "anti-Hermione". (...) Hermione é tão lógica e inflexível de tantas maneiras e é provável que Luna acredite em dez teorias da conspiração antes do café-da-manhã. (ROWLING, 2005)**

Outra personagem que conquistou seu espaço dentro da obra foi Luna Lovegood, a qual só veio a ser apresentada no quinto livro da saga, Harry Potter e a Ordem da Fênix. Nascida em 13 de fevereiro de 1981, como a única filha de Xenofílio e Pandora Lovegood, Luna sempre ofereceu apoio a Harry e seus amigos sem esperar por nada em troca. A mãe da personagem morreu acidentalmente durante um de seus experimentos com feitiços quando a garota tinha nove anos. Sendo assim, ela foi criada pelo pai e, ao testemunhar a morte da mãe, ficou capacitada a ver testrálhos, cavalos alados mágicos que conduziam as carruagens de Hogwarts e só eram visíveis por pessoas que já sofreram com o luto. Empática, ela tranquilizou Harry quando ele viu os testrálhos pela primeira vez. Apesar de não ter sido um momento agradável, foi a personagem que o fez perceber que não estava sozinho em ver animais estranhos quando os outros não podiam.

Aluna da casa Corvinal, em seus anos escolares, ela era frequentemente provocada por vários alunos devido ao seu comportamento e suas crenças atípicas. Luna era considerada por todos como uma pessoa excêntrica, sofrendo bullying e perseguição pelos demais alunos da escola. Durante seus primeiros anos, os estudantes começaram a chamá-la de "Di-lua Lovegood", e ela era alvo fácil de ataques por possuir um senso de moda único que geralmente era julgado como bizarro por outras pessoas. A personagem sempre foi descrita por utilizar peças estranhas de joalheria, como um colar de rolha de cerveja amanteigada, brincos de ameixas dirigíveis e, em 1997, um par de *Spectrocs*, grandes e coloridos óculos doados de forma gratuita em uma edição d'*O Pasquim* de 1996. Ela também, comumente, não usava sapatos, porque outros alunos os escondiam.

No último carro, eles encontraram Neville Longbottom, o garoto do quinto ano, colega de Harry na Grifinória, o rosto redondo brilhando com o esforço de arrastar o malão e segurar, com apenas uma das mãos, o seu sapo Trevo, que se debatia.

– Oi, Harry – ofegou. – Oi Gina... está tudo cheio... não consegui encontrar um lugar!

– Do que é que você está falando? – respondeu Gina, que se espremera para passar por Neville e espiar a cabine atrás dele. – Tem lugar nesse aí, só tem a Di-lua/Luna Lovegood...

Neville murmurou alguma coisa sobre não querer incomodar ninguém.

– Não seja bobo – disse Gina dando risadas. – Ela é legal.

Gina abriu a porta e puxou seu malão para dentro. Harry e Neville a seguiram.

– Oi, Luna – cumprimentou ela –, tudo bem se a gente ocupar esses lugares?

A garota ao lado da janela ergueu os olhos. Tinha cabelos louros, sujos e mal cortados, até a cintura, sobrancelhas muito claras e olhos saltados, que lhe davam um ar de permanente surpresa. Harry entendeu na hora por que Neville preferira procurar outra cabine. A garota emanava uma aura de nítida birutice. Talvez fosse porque guardara a varinha atrás da orelha esquerda, por medida de segurança, ou porque tivesse decidido usar um colar de rolas de cerveja amanteigada, ou ainda porque estivesse lendo a revista de cabeça para baixo. Seus olhos estudaram Neville e se fixaram em Harry. Ela fez que sim com a cabeça.

– Obrigada – disse Gina, sorrindo para ela.

Harry e Neville guardaram os três malões e a gaiola de Edwiges no bagageiro e se sentaram. Luna observou-os por cima da revista invertida, que se chamava *O Pasquim*. Aparentemente, ela não piscava com tanta frequência quanto as pessoas normais. Não parava mais de olhar para Harry, que se acomodara no assento defronte, e agora desejava não ter feito aquilo. (ROWLING, 2003, p. 153)

Como visto no excerto, a personagem possuía características físicas e uma personalidade que reforçavam o estereótipo de garota lunática, todavia, as excentricidades de Luna mascaravam um intelecto feroz. Frequentemente ela era tida como alguém não muito inteligente e alvo constante de deboche por ser um espírito livre e por seguir o ritmo de seu próprio coração, além de ser ignorada por seus comentários, ainda que fossem bastante pertinentes. O fato é que a imagem que os demais alunos faziam dela, silenciava uma personagem com uma inteligência extraordinária. Luna pode não ter sido marcada pelo estereótipo de garota inteligente, como Hermione, isso advém, como explicitado, de características mais latentes que invisibilizam esse atributo, entretanto, em diversos momentos, Lovegood demonstrou, além de uma sensibilidade profunda, uma inteligência necessária mais emocional e sábia. Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, sétimo livro da saga, essa inteligência ajudou Harry a entrar em espaços que sozinho não conseguiria:

Luna esticou a mão pálida, que parecia a de um fantasma flutuando no ar, desligada de braço ou corpo. Ela bateu uma vez, e, no silêncio, a batida pareceu a Harry um tiro de canhão. Imediatamente, o bico da águia se abriu, mas, em vez do grito do pássaro, uma voz suave e musical perguntou:

– O que veio primeiro, a fênix ou a chama?

– Humm... que acha, Harry? – perguntou Luna, pensativa.

– Quê? Não tem uma senha?

– Ah, não, você tem que responder a uma pergunta.

– E se você errar? – Bem, aí terá que esperar até alguém acertar – disse Luna. – Assim, você aprende, entende?

- É... o problema é que não podemos realmente nos dar o luxo de esperar por mais ninguém, Luna.
- Não, entendo o que você quer dizer – respondeu Luna, séria. – Bem, então, acho que a resposta é que um círculo não tem princípio.
- Bem pensado – disse a voz, e a porta se abriu. (ROWLING, 2007, p. 427)

### 4.3 SIBILA TRELAWNEY

**[...]Sibila cultivou maneirismos dramáticos e se diverte impressionando alunos mais crédulos com previsões de destruição e desastre. (ROWLING, 2016, p. 46)**

Nascida em 9 de março de 1963, ou próximo disso, Sibila Patricia Trelawney foi uma bruxa mestiça e professora de Adivinhação na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Provavelmente, foi a única professora que possuía como passatempo prever mortes horrendas em uma xícara de chá. Tetraneta genuína da célebre Cassandra Trelawney, que também foi uma vidente, Sibila foi a responsável pela profecia sobre Lorde Voldemort e sobre aquele com o poder de derrotá-lo, durante sua entrevista de emprego com Alvo Dumbledore. Possuía uma imagem simpática, porém um pouco desajustada e sua figura era estranha, pois sempre foi descrita como uma mulher que era bem magra e usava óculos enormes que tornavam seus olhos grandes demais, além de vestir-se de maneira curiosa: sempre envolta em xales e colares de contas de todos os tipos e tamanhos, bem como com correntes e anéis.

Chegou à sala de aula mais esquisita que já vira. Na realidade, sequer parecia uma sala de aula, e, sim, uma cruzada de sótão com salão de chá antigo. Havia, no mínimo, vinte mesinhas circulares juntas ali, rodeadas por cadeiras forradas de chintz e pequenos pufes estufados. O ambiente era iluminado por uma fraca luz avermelhada; as cortinas às janelas estavam fechadas e os vários abajures, cobertos com xales vermelho-escuros. O calor sufocava e a lareira acesa sob um console cheio de objetos desprendia um perfume denso, enjoativo e doce ao aquecer uma grande chaleira de cobre. As prateleiras em torno das paredes circulares estavam cheias de penas empoeiradas, tocos de velas, baralhos de cartas em tiras, incontáveis bolas de cristal e uma imensa coleção de xícaras de chá.

Rony espiou por cima do ombro de Harry enquanto os colegas se reuniam à volta deles, todos falando aos cochichos.

– E onde está a professora? – perguntou Rony.

Uma voz saiu subitamente das sombras, uma voz suave, meio etérea.

– Sejam bem-vindos. Que bom ver vocês no mundo físico, finalmente.

A impressão imediata de Harry foi a de estar vendo um enorme inseto cintilante. A Profa Sibila Trelawney saiu das sombras e, à luz da lareira, os garotos viram que era muito magra; uns óculos imensos aumentavam seus olhos várias vezes, e ela vestia um xale diáfano, salpicado de lantejoulas. Em volta do pescoço fino, usava inúmeras correntes e colares de contas, e seus braços e mãos estavam cobertos de pulseiras e anéis.

– Sentem-se, crianças, sentem-se – disse, e todos subiram desajeitados nas cadeiras ou se afundaram nos pufes. Harry, Rony e Hermione se sentaram a uma mesa redonda.

– Bem-vindos à aula de Adivinhação – disse a professora, que se acomodara em uma bergère diante da lareira. – Sou a Profa Sibila Trelawney. Talvez vocês nunca tenham me visto antes, acho que me misturar com frequência à roda-viva da escola principal anuvia minha visão interior. (ROWLING, 2000, p.79)

Sibila somente foi apresentada no terceiro livro da saga, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, quando sua disciplina foi incluída no currículo escolar dos personagens principais. Não seria nenhuma surpresa não ser mencionada nos dois títulos anteriores, já que fora descrita como “bastante reservada”. A professora parecia ter ciência de sua falta de adequação na equipe, tendo em vista que quase todos que compunham o corpo docente eram descritos como mais talentosos que ela e, por isso, passava a maior parte do tempo afastada dos colegas, em seu gabinete asfixiante e superlotado na torre. Um ponto a ser mencionado é que, durante o desenvolvimento da obra, Sibila foi colocada em situações comprometedoras para uma docente. Dentre essas situações, a professora apareceu “tresloucada” e isso estava diretamente relacionado a sua dependência alcoólica, especificamente com o xerez.

Segundo a própria autora (ROWLING, 2016), as Professoras Trelawney e McGonagall são opostos completos: enquanto uma é praticamente uma charlatã manipuladora e pomposa, a outra é tremendamente inteligente, severa e correta. Imagina-se que a existência de Sibila antes de Hogwarts consistia em vagar pelo mundo bruxo, tentando permutar sua ancestralidade em troca de um emprego seguro, mas desdenhando de qualquer um que não oferecesse o que ela julgasse adequado ao seu status de vidente.

Diante do que foi exposto, recai sobre a professora Trelawney a figura estereotipada caracterizada como charlatã, maltrapilha e trambiqueira. Esse é um estereótipo ainda reforçado na atualidade quando o corpo social se refere ao povo cigano (Romani), pejorativamente chamado de *Gipsys*, tratados com invisibilidade, discriminação e descaso. No caso das mulheres ciganas, há ainda mais questões latentes: elas enfrentam distintos paradigmas, um deles é o preconceito da própria sociedade em que estão incluídas, ou seja, além de sofrerem por serem ciganas, também sofrem por serem mulheres, o outro diz respeito à ruptura de tradições vigentes em uma sociedade machista, como a cigana, na qual a figura da mulher beira a completa submissão. Sibila difere um pouco no tocante de ser submissa ao marido, característica relacionada à cultura matrimonial cigana, pois, embora tenha se casado precocemente, enveredou-se em uma ruptura imprevisível quando ela se recusou a adotar o sobrenome “Higglebottom”.

#### 4.4 MINERVA MCGONAGALL

**Minerva McGonagall pode ser muitas coisas: uma bruxa talentosa, uma severa professora de Hogwarts, uma eterna entusiasta do quadribol e às vezes um gato malhado. Mas uma coisa ela não é: um livro aberto. (ROWLING, 2016, p. 8)**

Por meio da saga Harry Potter, a autora J.K. Rowling ressignificou todo um imaginário acerca de mulheres bruxas. Nesse contexto, Minerva ocupa um papel de destaque nessa reformulação imagética de um arquétipo que há séculos ocupa as mentalidades ocidentais. Quando há referência ao termo "bruxa" quase que instantaneamente se acessa toda uma construção histórica e social adquirida de leituras anteriores, ainda mais se houver como referência as imagens de bruxas que comumente são vistas nas adaptações audiovisuais de contos de fadas ou das histórias escritas por Roald Dahl<sup>15</sup>, criadas a partir de contos de origem anglo-saxônica. Dessa forma, provavelmente se imagina uma mulher idosa, solteira, dona de uma personalidade maléfica, com verruga na ponta do nariz, dentes apodrecidos, unhas enormes e vestimentas envelhecidas. Em certos casos, essa detestável personagem odeia crianças. Todavia, esse termo e essa construção imagética foram totalmente ressignificados dentro do contexto dos livros da saga Harry Potter.

Em continuidade, é importante salientar que a forma com que o leitor constrói a imagem dessa personagem, a partir de como é descrita nos livros, é algo que antecede a chegada de Harry Potter e, portanto, o seu ponto de vista sobre ela. Diante desse contexto, logo após saber-se como Harry enxergava a professora, percebe-se que em nada se difere de como o leitor a imaginou. Assim, ela foi mencionada pela primeira vez na esquina da Rua dos Alfeneiros na forma de um gato malhado, lendo um mapa. Uma cena um tanto cômica e somente quando Alvo Dumbledore chegou, ela se transformou de volta à forma humana:

- Imaginei encontrar a senhora aqui, Profa. Minerva McGonagall.
- E virou-se para sorrir para o gato, mas este desaparecera. Em vez dele, viu-se sorrindo para uma mulher de aspecto severo que usava óculos de lentes quadradas exatamente do formato das marcas que o gato tinha em volta dos olhos. Ela, também, usava uma capa esmeralda. Trazia os cabelos negros presos num coque apertado. E parecia decididamente irritada.
- Como soube que era eu? – perguntou.
- Minha cara professora, nunca vi um gato se sentar tão duro.
- O senhor estaria duro se tivesse passado o dia todo sentado em um muro de pedra – respondeu a Profa. Minerva.

---

<sup>15</sup> O autor britânico Roald Dahl é responsável por inúmeros livros infantis marcantes que conquistaram gerações. A qualidade é tamanha que várias de suas obras já foram adaptadas para o cinema. Exemplos como “James e o Pêssego Gigante”, “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, “Convenção das Bruxas” e “Matilda”.

– O dia todo? Quando podia estar comemorando? Devo ter passado por mais de dez festas e banquetes a caminho daqui. A professora fungou aborrecida.  
– Ah, sim, vi que todos estão comemorando – disse impaciente. – Era de esperar que fossem um pouco mais cautelosos, mas não, até os trouxas notaram que alguma coisa estava acontecendo. Deu no telejornal. – Ela indicou com a cabeça a sala às escuras dos Dursley. – Eu ouvi... bandos de corujas... estrelas cadentes... Ora, eles não são completamente idiotas. Não podiam deixar de notar alguma coisa. Estrelas cadentes em Kent, aposto que foi coisa do Dédalo Diggle. Ele nunca teve muito juízo. (ROWLING, 2000, p.13)

“Sempre um tanto feminista”, como sugere sua criadora, Minerva já se mostra aos olhos do leitor como uma personagem que sempre se colocou contrária a algumas das expectativas de seu tempo e da sociedade. No trecho, a personagem havia recebido uma simples tarefa do próprio Dumbledore, que é realizada com bastante afínco: observar os Dursley, a família não mágica de Harry. Minerva ainda não sabia, mas o diretor precisava se certificar que o menino ficaria em boas mãos após o assassinato de seus pais. Ciente de todo o ocorrido, a personagem relatou o que viu durante a observação, não escondendo sua insatisfação com a ideia dele. Dessa maneira, o foco da narrativa está, sobretudo, na representação de sua atuação enquanto professora e vice-diretora de Hogwarts. Essa atuação é pautada por um posicionamento firme, poucos sorrisos, um comportamento quase sempre severo e disciplinador, mas, por diversas vezes, também preocupado, compreensível e carinhoso para com os alunos.

A construção imagética de Minerva é uma das mais emblemáticas da história dos livros e será sempre reconstituída com as características de uma mulher de aspecto severo que usa óculos de lentes quadradas, uma capa verde esmeralda e cabelos negros presos em um coque apertado. Uma senhora que, como bem pensa Harry quando a viu pela primeira vez, era “uma pessoa a quem não se deve aborrecer” e que, conforme ele mesmo descobriu algum tempo depois, possuía um coração enorme e não media esforços na defesa de seus discentes e aliados.

A porta abriu-se de chofre. E apareceu uma bruxa alta de cabelos negros e vestes verde-esmeralda. Tinha o rosto muito severo e o primeiro pensamento de Harry foi que era uma pessoa a quem não se devia aborrecer.  
– Alunos do primeiro ano, Profa. Minerva McGonagall – informou Hagrid.  
– Obrigada, Hagrid. Eu cuido deles daqui em diante. (ROWLING, 2000, p. 86)

Essa descrição da personagem a faz, por vezes, parecer injustiçada. É verdade, Minerva era uma professora rigorosa, sempre muito correta e justa. Não foram poucas as vezes em que ela retirou pontos de sua própria casa, Grifinória, por erros cometidos pelos que estavam sob sua responsabilidade. Além disso, sempre trabalhou para que os méritos fossem conquistados pelos alunos. Por outro lado, havia nela algo irresistivelmente familiar, além de um senso de

humor raro, repleto de ironias. Minerva nunca fugiu das suas obrigações e teve participação fundamental na proteção da escola durante a batalha final contra Voldemort. Após a morte de Dumbledore, assumiu a responsabilidade do amigo e ex-colega de profissão e, mesmo antes do ocorrido, ao longo de toda a saga, fica visível o quanto ela sempre foi muito dedicada ao papel docente.

Entre Dumbledore e Minerva sempre existiu uma grande cumplicidade, sendo a personagem uma grande confidente e amiga. De toda maneira, o trabalho de ambos dentro da escola era um tanto dicotômico, porém um complementava o outro, pois, enquanto Dumbledore era considerado excêntrico e leviano quanto às regras, Minerva era a personificação das normas, da lei insculpida em pedra.

Entretanto, apesar do exposto, Minerva não era de todo perfeita. Em alguns momentos, chama a atenção do leitor a forma, um tanto parcial, que ela tratava a Grifinória, principalmente quando o assunto era Quadribol. Outro ponto que divergiu do seu senso de justiça foi o castigo desmedido que aplicou em Neville Longbottom quando o garoto teve as senhas de acesso à Torre da Grifinória roubadas pelo gato da Hermione. A vice-diretora, mesmo sabendo que no contexto em que isso ocorreu havia um suposto assassino em massa às soltas nas redondezas do castelo, proibiu que algum outro aluno passasse as senhas para Neville, o que, conseqüentemente, o deixou trancado do lado de fora do Salão Comunal da Grifinória. Afirma-se que essa não foi uma das melhores atitudes ou condutas vinda de uma professora, mas não se deve ser injusto, pois, como citado acima, ela não é de todo perfeita.

Neville caiu em total desgraça. A Profa McGonagall estava tão furiosa com ele que o banira de todas as futuras visitas a Hogsmeade, lhe dera uma detenção e proibira todos de lhe informarem a senha para a torre. O coitado era obrigado a esperar do lado de fora da sala comunal, todas as noites, até alguém deixá-lo entrar, enquanto os trasgos da segurança caçoavam dele. Nenhum desses castigos, porém, chegou nem próximo do que sua avó lhe reservara. Dois dias depois da invasão de Black, ela mandou a Neville a pior coisa que um aluno de Hogwarts podia receber na hora do café da manhã – um berrador. (ROWLING, 2000, p.201)

A exemplar dedicação pelo seu trabalho é perceptível em todo momento na saga, todavia deve-se abrir um enorme parêntese para a narrativa em Harry Potter e a Ordem da Fênix, livro que conta a história do quinto ano escolar de Harry. Cabe, aqui, a breve introdução de Dolores Umbridge, subsecretária sênior do ministro da magia, professora e nomeada, mais tarde, como “Alta Inquisidora”, a qual, com sua chegada em Hogwarts, iniciou um processo gradativo de um período de censura, repressão e injustiças. Foi justamente contra essas injustiças e indo contra a volta de um ensino nos moldes medievais, segundo a própria Minerva, que a

personagem não mediu esforços para proteger seus alunos, os demais professores e o ecossistema escolar. É especificamente nesse episódio que, além de ganhar uma antagonista, Minerva demonstrou qualidades admiráveis para qualquer docente.

Nascida na Escócia, Minerva nasceu fruto da união de Isobel Ross, uma bruxa bastante talentosa, e Robert McGonagall, um pastor presbiteriano. Conheceram-se no povoado onde viviam, mas o relacionamento encontraria resistência, principalmente por parte dos pais de Isobel, pois não aceitavam que a filha se envolvesse com alguém cujas origens não fossem igualmente mágicas. Isobel, então, decidiu fugir de casa e viver seu amor, ainda que Robert desconhecesse a natureza de suas reais origens. O nascimento de Minerva seria marcado por alegria e instabilidade. Batizada com o nome da avó materna, em homenagem às raízes, a extravagância do nome a levaria à implicância da comunidade trouxa em que viviam. Em suas primeiras horas de vida, era possível perceber pequenos sinais mágicos na personagem, que era capaz de mover brinquedos ou comunicar-se com o gato da família antes mesmo de aprender a falar. O seu nome deriva do latim e significa sabedoria, intelecto. No entanto, alguns etimologistas acreditam que a origem dessa nomeação seja na verdade etrusca, a partir da palavra *Menrva*. Outros estudiosos sugerem que a palavra etrusca tem origem a partir da raiz *proto-indo-europeia*, que pode ser traduzida como mente ou pensamento.

Na mitologia romana, Minerva é considerada a deusa das artes, da sabedoria, da ciência e da guerra, correspondente a Atena na mitologia grega. O nome começou a ser utilizado nos países de língua inglesa durante a época renascentista, entretanto ficou conhecido pelas gerações atuais devido à série Harry Potter, na qual Minerva McGonagall personificou uma bruxa que ministrava aulas de transfiguração na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e que, devido ao fato de que era uma animaga, podia transformar-se em um gato sem o uso da varinha.

Harry escolheu um lugar no fundo da sala, sentindo-se como se estivesse sentado sob um holofote; o resto da classe não parou de lhe lançar olhares furtivos, como se ele estivesse prestes a cair morto a qualquer momento. Ele mal conseguiu ouvir o que a professora dizia sobre Animagos (bruxos que podiam se transformar à vontade em animais), e sequer estava olhando quando ela própria se transformou, diante dos olhos deles, em um gato malhado com marcas de óculos em torno dos olhos.

– Francamente, o que foi que aconteceu com os senhores hoje? – perguntou a Profa Minerva, voltando a ser ela mesma, com um estalinho, e encarando a classe toda. – Não que faça diferença, mas é a primeira vez que a minha transformação não arranca aplausos de uma turma.

Todas as cabeças tornaram a se virar para Harry, mas ninguém falou. Então Hermione ergueu a mão.

– Com licença, professora, acabamos de ter a nossa primeira aula de Adivinhação, estivemos lendo folhas de chá e...

– Ah, naturalmente – comentou Minerva, fechando a cara de repente. – Não precisa me dizer mais nada, Srta. Granger. Me diga qual dos senhores vai morrer este ano? Todos olharam para ela.

– Eu – disse, por fim, Harry.  
– Entendo – disse a Profa Minerva, fixando em Harry seus olhos de contas. – Então, Potter, é melhor saber que Sibila Trelawney tem predito a morte de um aluno por ano desde que chegou a esta escola. Nenhum deles morreu ainda. Ver agouros de morte é a maneira com que ela gosta de dar boas-vindas a uma nova classe. Não fosse o fato de que nunca falo mal dos meus colegas...  
A professora se calou, mas todos viram que suas narinas tinham embranquecido de cólera. Ela continuou, mais calma:  
– A Adivinhação é um dos ramos mais imprecisos da magia. Não vou ocultar dos senhores que tenho muito pouca paciência com esse assunto. Os verdadeiros videntes são muito raros e a Profa Trelawney...  
Ela parou uma segunda vez, e em seguida disse, num tom despido de emoção:  
– Para mim o senhor parece estar gozando de excelente saúde, Potter, por isso me desculpe, mas não vou dispensá-lo do dever de casa hoje. Mas fique descansado, se o senhor morrer, não precisa entregá-lo. (ROWLING, 2000, p. 83)

Sua vida anterior à Hogwarts sequer foi mencionada durante a saga. Até então, não se sabia que Minerva havia assumido uma vaga no Departamento de Execução das Leis da Magia, nem que havia se apaixonado pelo filho de um fazendeiro local que, igualmente apaixonado, não demorou a propor casamento. A priori, o pedido fora aceito por Minerva, mas a história conturbada dos pais seria a lembrança afirmativa de que a relação dificilmente teria sucesso. Ciente de que um matrimônio com um trouxa representaria o fim de suas ambições pessoais e profissionais, na manhã seguinte, ela disse ao rapaz que havia mudado de ideia e que não poderia se casar. Ela não lhe deu maiores explicações, partindo para Londres três dias depois.

O trabalho no Ministério da Magia logo mostrou-se uma decepção sem precedentes diante da política anti-trouxa vigente na época. Nem mesmo seu relacionamento com Elphinstone Urquart, seu chefe e futuro marido, a fez ficar em sua posição ou mudar de ideia. Assim, Minerva, na tentativa de conseguir uma vaga no corpo docente da escola, enviou uma carta à Hogwarts. Não demorou muito para que a coruja retornasse com uma proposta de emprego no Departamento de Transfiguração, à época sob o comando de seu antigo professor, Alvo Dumbledore, com quem construiria uma duradoura amizade. Em Hogwarts, a personagem encontrou o chamado e o propósito de uma vida inteira: a prática docente.

De acordo com a autora (ROWLING, 2016), o casamento (tragicamente curto, como parecia destinado a ser) foi muito feliz. Embora não tivessem seus próprios filhos, os sobrinhos e sobrinhas de Minerva (filhos de seus irmãos Malcolm e Robert) eram visitas frequentes da casa. Foi um período em que Minerva sentiu-se grandemente realizada. A morte acidental de Elphinstone, devido à mordida de um Tentáculo Venenoso, no terceiro ano de casamento, foi uma grande tristeza para todos os que conheciam o casal. Minerva não suportou viver sozinha no chalé, então empacotou suas coisas após o funeral e retornou ao seu ínfimo quarto de piso de pedra no Castelo de Hogwarts, acessível através de uma porta escondida na parede de seu

gabinete no primeiro andar. Sempre muito corajosa e reservada, ela despejou toda a sua energia no trabalho. Poucas pessoas — exceto talvez Alvo Dumbledore — sequer perceberam o quanto ela sofreu.

Um pequeno salto temporal se faz necessário para analisar a personagem aqui citada e a maneira em que foi, de certa forma, descaracterizada nos roteiros derivados da franquia. Em *Animais Fantásticos: Os crimes de Grindelwald* (2018), retrocede-se até os primeiros anos de Minerva como professora em Hogwarts. As aparições de Minerva são bastante pontuais, sendo uma delas quando os aurores do Ministério da Magia invadem a escola para persuadir o jovem Dumbledore. Nesse ponto, temos um vislumbre de uma jovem McGonagall impondo regras ao grupo invasor.

**McGONAGALL**

Isto é uma escola, vocês não têm o direito de... (ROWLING, 2018, p.)

Em outro momento, a personagem apareceu interagindo com os alunos da Grifinória e Sonserina. Leta LeStrange, aluna da Sonserina, estava utilizando feitiços nas meninas da outra casa, quando Minerva precisou intervir. Nesse momento, percebe-se que Minerva não possuía muito manejo com os estudantes, utilizando, inclusive, um feitiço silenciador em uma aluna que estava sob sua responsabilidade.

**LETA DE 13 ANOS**

*Oscausi!*

*A boca da MENINA DA GRIFINÓRIA 2 é lacrada como se ali jamais tivesse existido boca. Triunfante, LETA foge da cena, passando aos empurrões por alunos chocados.*

**MENINA DA GRIFINÓRIA 1**

*(aos gritos)*

Professora McGonagall!

LESTRANGE FEZ AQUILO DE NOVO!

**McGONAGALL (O.S.)**

Lestrage, pare de correr! LESTRANGE! Crianças desobedientes. Parem! Uma vergonha para a Sonserina. Cem pontos! Duzentos! Voltem aqui, já! Parem! Parem com isso! Parem com isso! Você aí, pare! Volte aqui!

**MENINA DA GRIFINÓRIA 1**

Senhorita, foi a Lestrage. Ela é horrível...

*McGONAGALL silencia a menina.*

Ademais, é preciso contextualizar *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* (2016), peça teatral que conta as aventuras de Alvo Severo Potter e Escórpio Hipério Malfoy, filhos de Harry Potter e Draco Malfoy, respectivamente. A história se passa 19 anos após a graduação de Harry em Hogwarts — essa que está disposta nos sete livros e é considerada o cânone.

Na perspectiva da peça, há uma cena em que Harry adentrou a sala da diretoria de Hogwarts, ocupada por Minerva McGonagall, exigindo que a atual diretora proibisse a amizade

dos filhos de ambas as famílias que durante o ano escolar de Harry, eram inimigas. Existe aqui um “quê shakespeariano”, além da desconfiguração da relação entre Harry e Minerva, que tinham muito apreço e respeito um pelo outro:

PROFESSORA MCGONAGALL: Harry, tem certeza de que essa é a decisão certa? Porque longe de mim duvidar da sabedoria dos centauros, mas Bane é extremamente bravo, e não seria difícil distorcer as constelações para seus próprios fins.

HARRY: Confio em Bane. Alvo deve ficar longe de Escórpio. Pelo bem dele e de outros.

GINA: Acho que Harry quer dizer que...

HARRY (com firmeza): A professora sabe o que quero dizer.

GINA olha para HARRY, surpresa por falar com ela daquela maneira.

PROFESSORA MCGONAGALL: Alvo foi examinado pelos maiores bruxos e bruxas do país, e ninguém pôde encontrar um pingo de feitiço ou maldição.

HARRY: E Dumbledore... Ele disse que...

PROFESSORA MCGONAGALL: O quê?

HARRY: Seu retrato. Ele falou. Disse algumas coisas que fazem sentido.

PROFESSORA MCGONAGALL: Dumbledore está morto, Harry. E eu já te disse, retratos não representam nem metade das pessoas.

HARRY: Disse que o amor havia me cegado.

PROFESSORA MCGONAGALL: O quadro de um diretor é uma memória. É para ser um mecanismo de suporte para as decisões que eu tenho que tomar. Mas fui avisada quando aceitei o emprego a não confundir a pintura com a pessoa. E você deveria ser prudente e fazer o mesmo.

HARRY: Mas ele estava certo. Consigo ver agora.

PROFESSORA MCGONAGALL: Harry, você esteve sob muita pressão. A perda de Alvo, a busca por ele, o medo do que a sua cicatriz poderia significar. Confie em mim quando disser que está cometendo um erro.

HARRY: Alvo não gostava de mim antes e pode não gostar de novo. Mas vai estar seguro. Com todo respeito, Minerva, mas não tem nenhum filho...

GINA: Harry!

HARRY: ...você não entende.

PROFESSORA MCGONAGALL (profundamente sentida): Eu esperava que uma vida toda como professora poderia significar...

HARRY: Esse mapa irá te revelar onde meu filho estiver o tempo todo. Espero que o use. E se eu souber que não está usando-o, virei para essa escola o mais rápido, usando toda a força do Ministério. Está entendido?

PROFESSORA MCGONAGALL (perplexa com essa acidez): Perfeitamente.

GINA olha para HARRY, incerta do que ele se tornou. Ele não olha de volta. (TIFFANY, 2016, p. 132)

Em suma, Minerva deve ser analisada pela ótica de uma mulher bruxa, professora e, principalmente, da terceira idade. Seu ano de nascimento pode ser calculado como sendo o de 1935, uma vez que sua biografia no *Wizarding World*, conhecido anteriormente como *Pottermore*, um guia oficial online do cânone e alimentado pela própria autora, não traz precisamente tais informações. Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* é revelado que a professora começou a lecionar em Hogwarts em dezembro de 1956, após trabalhar por 2 anos no Ministério da Magia, logo depois de se formar. Isso evidencia o fim da sua graduação em 1954, seu primeiro ano como estudante em 1947 e seu nascimento em 1935 (já que seu aniversário é em

outubro, ela teria quase 12 anos quando ingressou em Hogwarts). Em cálculos reais, utilizando os dados fornecidos de forma pulverizada dentro da saga, Minerva McGonagall teria, em 1995, 60 anos de idade, quando respondeu à Profa. Dolores Umbridgeque:

Quando os alunos saíram enfileirados da sala, Harry viu a Profa Umbridge se aproximar da escrivaniha da McGonagall; ele cutucou Rony, que, por sua vez cutucou Hermione, e os três intencionalmente ficaram para trás para escutar.

– Há quanto tempo você está ensinando em Hogwarts? – perguntou a Profa Umbridge.

– Trinta e nove anos, agora em dezembro – respondeu McGonagall bruscamente, fechando sua bolsa com um estalo.

Umbridge fez uma anotação.

– Muito bem, você receberá o resultado da inspeção dentro de dez dias.

– Mal posso esperar – respondeu McGonagall, com uma voz fria e indiferente, e se encaminhou para a porta. – Andem depressa vocês três – acrescentou, empurrando Harry, Rony e Hermione à sua frente.

Harry não pôde deixar de lhe dar um leve sorriso, e seria capaz de jurar que recebeu outro em resposta. (ROWLING, 2000, p. 264)

Em aproximações reais com Hermione Granger, apresentada anteriormente, Minerva foi uma “empata chapéu”<sup>16</sup>, ou seja, alguém que confunde o Chapéu Seletor a ponto de tomar-lhe um tempo maior do que o normal para se decidir, mas acabou indo também para a Grifinória. Em Hogwarts, seu desempenho acadêmico fora, durante todo o período escolar, brilhante, para não dizer extraordinário. Minerva não foi apenas uma aluna inteligente, mas também uma apanhadora proeminente do time de Quadribol da Grifinória, deixando o time algum tempo mais tarde, após um acidente que a deixou com várias costelas quebradas e uma concussão, contudo, seu talento jamais seria posto sob questão e seu gosto pelo jogo tampouco desvaneceu. Isso ficou ainda mais evidente em sua relação com os integrantes do time da Grifinória ou, ainda, sua preocupação com jogos e treinamento, além da escolha de novos membros. Minerva graduou-se em Hogwarts com honrarias; ela alcançou números impressionantes em seus exames, foi Monitora-Chefe e vencedora do prêmio da revista Transfiguração Hoje.

Há nuances da vida de Minerva que caberia um aprofundamento mais direto, pois a personagem apresentada é a versão de uma mulher em idade avançada que já tem em si uma jornada inteira de bravuras no mundo mágico e um acúmulo de experiências para compartilhar. Observa-se, assim, que o termo bruxa não a desqualifica em nada, pelo contrário, engrandece-a ainda mais, dando-lhe autoridade e sabedoria. Sob o contexto dos estereótipos, recai sobre Minerva a reprodução da mulher que, não encontrando felicidade na vida amorosa, abraçou sua carreira profissional. Esse é um panorama bastante reproduzido em narrativas que possuem

---

<sup>16</sup> É um termo arcaico utilizado para um aluno da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, cuja seleção levou mais de cinco minutos pelo fato do Chapéu Seletor visualizar personalidades igualmente adequadas para diferentes Casas de Hogwarts.

mulheres em posições privilegiadas ou de poder, mas que não possuem uma vida amorosa promissora, nem constituíram família. Dar-se a impressão de que essa mulher só consegue lidar com um objetivo de vida por vez, todavia está bastante distante do que é mostrado na realidade, com exemplos de algumas mulheres que conduzem seus objetivos pessoais, amorosos e profissionais, de maneira equilibrada e recebendo todo o apoio para isso.

Minerva pode não ter tido o sucesso pretendido no amor, porém se realizou em seu papel docente. Braço direito de Alvo Dumbledore, sobretudo em tempos de crise, a presença de McGonagall é o que, por vezes, garante que a escola continue em pleno funcionamento – como aconteceu nas muitas ausências do diretor, que, por motivos de força maior, se fez necessário em muitos lugares para além dos limites da escola.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ante o exposto, é necessário salientar que as quatro personagens que aqui foram apresentadas possuem importantes aproximações e distanciamentos. Esses pontos estão além das características físicas e encontram cabidas reflexões no que se refere às suas personalidades e trajetórias. Desse modo, pode-se compreender que Hermione Granger é a simetria perfeita de Minerva McGonagall, de modo que essa proximidade se entende pelo respeito às regras e pela inteligência inata de ambas as personagens, enquanto Luna Lovegood pode ser entendida como mais próxima de Sibila Trelawney, ambas sob o desígnio da inadequação.

Esse estreitamento é ainda maior quando analisadas sob o enfoque dos estereótipos aqui abordados. Sendo assim, Hermione está para a antítese de Luna, como Minerva está para Sibila. Com isso, durante a narrativa, é perceptível que esses universos coexistem em conflitos amiudados, mas que não duram até o final da obra. Apesar das diferenças, as personagens encontram caminhos para existirem em convergência, em outras palavras, a opinião de Hermione sobre Luna melhora satisfatoriamente depois que ela prova sua lealdade e bravura ao participar da Batalha do Departamento de Mistérios, percebendo que ambas tinham visões de mundo muito diferentes. Da mesma forma, Minerva, passando por cima de todas as diferenças e até preconceitos, acolhe Sibila em um momento de extrema necessidade quando essa foi demitida e expulsa do castelo por Dolores Umbridge.

Ao fim, percebe-se que a construção das personagens femininas de Harry Potter, apesar de sofrerem com estereótipos, se mostram como figuras complexas e com bastante profundidade. A autora pode não ter percebido a reprodução desses moldes ou, simplesmente, o fez de forma consciente, utilizando esse artifício em favor da narrativa. Também é notório

que algumas personagens são produzidas massivamente sob uma ótica estereotipada, a exemplo as figuras maternas, todas elas sendo representações perfeitas e imaculadas, isentas de erros e inclinadas a sacrifícios. Outro exemplo a ser citado são as personagens femininas vilanizadas, as quais a autora não aprofunda os porquês desses comportamentos nocivos e suas motivações para aderirem ideologias controversas. Pode-se compreender, dessa forma, que, para Rowling, elas simplesmente o são, não existindo nenhuma nuance que desenvolva ou explique essa entrega ao lado das trevas. Diante disso, abre-se uma possibilidade de continuidade desta pesquisa através do aprofundamento das análises das personagens maternas e as que representam alguma forma de antagonismo, assim como suas representações do feminino dentro da obra.

Outrossim, essa discussão somente reforça que os usos da literatura infantil e juvenil, de autoria feminina e/ou do gênero de fantasia podem ser aplicados como base introdutória para assuntos a serem trabalhados em sala de aula, bem como apontar denúncias recorrentes no cenário escolar e social dos alunos. Essa literatura é, sem dúvida, uma alternativa plausível para trazer a discussão sobre o protagonismo feminino, os estereótipos e temas transversais, tendo em vista que seu caráter humanizador e catártico, levando o leitor a aproximar-se das vivências, das experimentações de sentimentos e emoções que, por vezes, ultrapassam a barreira do gênero. Os ganhos são inimagináveis, visto que a maioria dos estudantes do ensino regular já leram, já assistiram ou já ouviram falar de uma literatura ou outra que está imersa na cultura do consumo popular. Nesse sentido, essas obras servem de manutenção para o hábito de leitura que fora deixado de lado por discentes. Essa aproximação e esse incentivo poderão render frutos duradouros como a ampliação do repertório literário, além de garantir que haja por intermédio de rodas de debate, leituras mediadas, encontros semanais de clube do livro ou atividades com diários de leitura.

Dentro das universidades esses títulos e essas produções ainda enfrentam barreiras e preconceitos. A literatura fantástica e a literatura infantil e juvenil são colocadas no patamar de literatura inferior ou apenas de consumo. Todavia, olhando atentamente, também podem agir como propulsores para os futuros docentes, tornando mais palpável e alcançável a interação e a inserção do hábito de ler dos futuros alunos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. O inútil indispensável: considerações sobre a literatura e ensino no Brasil. In: **XIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Campina Grande, PB. 2013.

ARGÜELO, S. Contos a favor da equidade de gênero. In: BECK, D. Q.; FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. (orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade – nas tramas da cultura e educação**. Canoas: Ulbra, 2014.

BEHIND the Name. <https://www.behindthename.com/name/minerva>. Acesso em: 21 abr. 2021

BLOOMSBURY. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/author/jk-rowling/>. Acesso em 24 de abril de 2021.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. [Edição revista e ampliada]. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COELHO, N. N. (2000). **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna.

DUARTE, C. L. **Literatura feminina e crítica literária**. Travessia, n. 21, p. 15-23, 1990.

ECO, U. Sobre algumas funções da literatura. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FORSTER, E. M. (1927). **Aspects of the novel**. Harmondsworth: Pelican, 1971.

MOONEN, Frans. **Rom, Sinti e Calon**: os assim chamados ciganos. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2000. (E-Texto 1).

PROTAGONISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/protagonismo/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

RABIN, Nathan. **The Bataan Death March of Whimsy Case File #1**: Elizabethtown. AVCLUB, 2007. Disponível em: <https://www.avclub.com/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-elizabet-1798210595>. Acesso em: 13 de fev. de 2021.

ROWLING, J.K. **WEEKEND EDITION SATURDAY**: J.K. Rowling. Entrevista concedida a David Welna. National Press Club, NPR Radio, October 23, 1999.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- \_\_\_\_\_. 2016. "**Minerva McGonagall**". Em Histórias de Hogwarts: Proezas, Percalços e Passatempos Perigosos, 7-20. 1a ed. Pottermore Limited. ISBN 978-1-78110-670-9.
- \_\_\_\_\_. **Vidas muito boas: as vantagens do fracasso e a importância da imaginação** /J.K. Rowling; tradução de Ryta Vinagre. 1a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ROWLING, J. K. **Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald** - Roteiro Original; 1ª edição. Trad. Anna Vincentini. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- SARKEESIAN, A. **Tropes vs Women**. Youtube, 7 de março de 2013. Disponível em: [https://youtu.be/X6p5AZp7r\\_Q](https://youtu.be/X6p5AZp7r_Q). Acesso em: 20 de janeiro de 2020.
- SMITH, S. **J.K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- TIFFANY, J.; THORNE, J. **Harry Potter e a Criança Amaldiçoada**. Trad. Anna Vicentini. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009a. p. 217-242.
- \_\_\_\_\_. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009b. p. 327-336.